



ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: Uma Análise a Partir da Experiência na Residência Pedagógica

Gabriela F. de SOUSA¹; Débora de C. DOURADO²; Fabiana L. de OLIVEIRA³.

RESUMO

O presente relato de experiência analisa o fenômeno do assédio sexual estudantil dentro do contexto da Residência Pedagógica, com foco na experiência de uma estagiária enquanto ministrava aulas para uma turma de terceiro ano do Ensino Médio. Este relato discute as implicações desses episódios para a formação pedagógica, enfatizando a necessidade de promover uma cultura de respeito e igualdade de gênero no ambiente educacional. Além disso, propõe recomendações para políticas e práticas que visam prevenir e abordar o assédio estudantil de forma eficaz, garantindo um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo para todos(as).

Palavras-chave:

Assédio sexual; Igualdade de gêneros; Formação docente; Residência pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente da sala de aula, que deveria ser um espaço seguro e propício para o aprendizado e o crescimento pessoal, pode, infelizmente, tornar-se palco de situações de assédio, afetando profundamente a experiência educacional dos envolvidos. O assédio sexual pode ser definido como toda conduta de natureza sexual não desejada que, embora repelida pelo destinatário, é continuamente reiterada, cerceando-lhe a liberdade sexual (PAMPLONA FILHO, 2009).

Embora esses comportamentos sejam mais comuns em dinâmicas de sala de aula, referindo-se usualmente a uma gama de comportamentos sexuais inadequados em que alunos assediam outros alunos, professores assediando alunos, ou até mesmo assédio entre colegas de trabalho, no caso de professores e funcionários da escola. O presente relato, aborda um caso de assédio em que a estagiária que ocupa provisoriamente o papel de docente, é a vítima dentro do contexto de sala de aula.

Ainda que pouco estudado, a verdade é que pode ocorrer assédio sexual partindo de um indivíduo que não detém poder, como é o caso de um estudante contra um indivíduo que detém poder (docente) (MANHIQUE, 2022). Ficando evidente a prevalência da dinâmica patriarcal, que sobressai-se a dinâmica discente-docente nesse contexto. Por isso, este trabalho buscou ponderar o

¹Licencianda do curso de Ciências Biológicas, IFSULDEMINAS – *Campus Machado*. E-mail: gabrielafrances13@gmail.com. ²Preceptora, IFSULDEMINAS – *Campus Machado*. E-mail: debora.dourado@ifsuldeminas.edu.br.

³Orientadora, IFSULDEMINAS – *Campus Machado*. E-mail: fabiana.lucio@ifsuldeminas.edu.br.

perfil social dos alunos, a gestão de assédio e o posicionamento do corpo docente perante o ocorrido, assim como as consequências emocionais da vítima, a partir de uma análise materialista da desigualdade que compreende gênero como convenção social histórica e culturalmente fundamentada sobre as diferenças sexuais de caráter relacional (FUKUDA, 2012).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este relato de experiência foi desenvolvido com base em uma sequência de episódios de assédio sexual ocorridos durante a participação da autora como estagiária do programa Residência Pedagógica em uma escola da rede dos Institutos Federais, atuando como docente de Ciências Biológicas em uma turma de 3º ano do Ensino Médio Técnico em Agropecuária. A coleta de dados envolveu o registro pessoal das ocorrências e o relato de denúncias recebidas de colegas residentes que testemunharam comportamentos inadequados dos alunos.

A identificação gradual dos episódios de assédio ocorreu ao longo de diversos encontros com os alunos, o que permitiu que a autora e demais colegas residentes percebessem a recorrência de comportamentos inapropriados, que variaram desde comentários inadequados até ações mais graves, como o compartilhamento de fotografias de caráter malicioso em grupos de *WhatsApp*. Esses comportamentos foram analisados considerando a vulnerabilidade das estagiárias, que, por não serem percebidas pelos alunos com a mesma autoridade que professores, tornam-se alvo de tais comportamentos. Também foi levado em conta o contexto cultural específico das turmas de Agropecuária, marcado por uma predominância masculina e padrões históricos de comportamento machista.

A metodologia incluiu uma análise qualitativa dos comportamentos relatados, contextualizada por estudos que abordam o assédio sexual em ambientes de trabalho e educação, com enfoque na dinâmica de poder patriarcal e sua influência sobre as relações de gênero. Além disso, foram avaliadas as estratégias institucionais de resposta ao problema, ou a falta delas, e o impacto emocional e psicológico causado na autora

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

As residentes, muitas vezes, não são vistas pelos alunos em uma posição de poder como ocupa a professora, o que pode torná-las mais vulneráveis a comportamentos inadequados. Tirando-se a hierarquia professor-alunos, sobressai-se a dinâmica de poder patriarcal, que ensina aos

homens desde muito novos a enxergarem as mulheres como objetos sexuais. O que leva, frequentemente, ao assédio. Vale destacar que, a cultura das turmas de agropecuária é frequentemente considerada machista devido à sua história de predominância masculina, divisão tradicional de trabalho, baixa representação feminina e estereótipos de gênero.

Desse modo, ao longo da atuação das residentes como estagiárias no programa Residência Pedagógica, o assédio começou com comentários inapropriados por parte de alguns alunos e evoluiu para comportamentos mais graves, como o compartilhamento de fotografias de cunho malicioso em grupos de *WhatsApp*. Evidenciando a falta de estratégias estruturais para lidar com esse tipo de ocorrência. Pois,

... existe uma dificuldade em caracterizar o crime de assédio por parte das instituições sociais, cujo fundamento está em nosso padrão cultural que legitima comportamentos sexuais predatórios por parte do homem, e termina por não incriminar a conduta do agressor, tratando o assédio como um problema nas relações de trabalho, e não como uma violência contra a mulher. (FUKUDA, 2012).

Após o incidente, houve apoio emocional por parte das professoras preceptora e coordenadora, o que foi crucial para o enfrentamento emocional desse momento. No entanto, a proximidade do final do semestre e a conclusão do curso pelos alunos limitaram as possibilidades de uma intervenção pedagógica mais efetiva no caso.

Este episódio sublinha a importância de não apenas acolher e abordar o assédio, mas também de implementar medidas estruturais e proativas para enfrentar o problema de maneira eficaz. Reforça a necessidade de uma abordagem contínua e sistemática para a prevenção e combate ao assédio, assegurando que todos os membros da comunidade escolar sejam protegidos e respeitados.

5. CONCLUSÃO

A análise deste caso revelou a ausência de estratégias estruturais eficazes para lidar com o assédio sexual no ambiente educacional, refletindo a dificuldade institucional em tratar o assédio como uma violência contra a mulher. O apoio emocional da equipe pedagógica foi essencial, mas o episódio destaca a necessidade urgente de implementar políticas institucionais claras e mecanismos eficazes de denúncia, além de programas de sensibilização para alunos e professores.

No atual cenário escolar, onde há o desdobramento de tensões histórico-sociais, é essencial abordar e analisar episódios em que docentes são vítimas de assédio. Sendo o combate ao assédio sexual em sala de aula uma responsabilidade compartilhada por todos os membros da comunidade

escolar. Assim como, promover a conscientização sobre o assunto, sendo esta uma das funções de uma educação libertadora.

Em resumo, falar sobre o assédio sofrido por docentes dentro das instituições de ensino é fundamental para proteger os direitos humanos, promover a igualdade de gênero, garantir um ambiente de trabalho positivo e educar para a prevenção. É uma parte essencial do compromisso contínuo de criar ambientes educacionais seguros, respeitosos e inclusivos para todos. Para isso, é importante promover mudanças na cultura institucional, e que haja consequências disciplinares para os alunos de acordo com a gravidade do assédio.

A instituição deve oferecer apoio psicológico e promover ações educativas e de sensibilização sobre assédio sexual. Políticas claras contra o assédio e canais seguros de denúncia também são fundamentais, assim como intervenções pedagógicas e o engajamento de toda a comunidade escolar nesse processo de mudança de cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente à coordenadora do Programa, Fabiana Lúcio, e à preceptora Débora Dourado, pelo apoio emocional e pela conduta exemplar durante o enfrentamento deste caso. Seu acolhimento e profissionalismo foram fundamentais para lidar com a situação de maneira mais segura e fortalecedora, proporcionando o suporte necessário em um momento tão delicado.

REFERÊNCIAS

FUKUDA, Rachel Franzan. **Assédio sexual: uma releitura a partir das relações de gênero.** *Simbiótica. Revista Eletrônica*, v. 1, p. 119-135, 2012.

MANHIQUE, Nice Rosária. **"Ahh porque eu gosto muito da doutora": um estudo sobre gestão de assédio adotada pelos docentes da FLCS-UEM.** 2022. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo, 2022.

PAMPLONA FILHO, Rodolfo. **Assédio sexual: questões conceituais.** *Revista do CEPEJ*, n. 10, p. 65-78, 2009.